

---

## ***Quem matou o mundo? A Masculinidade Moderna/Colonial no Real e na Ficção***<sup>1</sup>

Pollyane BELO<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

O artigo pretende apresentar a masculinidade moderna/colonial com base em uma análise comparativa entre um acontecimento real midiático, o atentado na Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano (SP), no ano de 2019, e em uma expressão cinematográfica, o longa-metragem *Mad Max: A Estrada da Fúria* (*Mad Max: Fury Road*, George Miller, 2015). A articulação dos códigos masculinos em instâncias “reais” e “ficcionalis” foi buscada para pensarmos representações contemporâneas masculinas brancas e cisgêneras que se auto-intitulam agentes da morte e o contrato colonial com a soberania que é implementado nesses casos.

**PALAVRAS-CHAVE:** masculinidade moderna/colonial; decolonialidade; imagens.

01 DE JANEIRO DE 2012

ELES ESTÃO VINDO

Jota Mombaça (2018)<sup>3</sup>

### **Introdução**

Este artigo apresenta representações masculinas contemporâneas que se auto-intitulam agentes da morte. Partimos do pressuposto que essas manifestações são engendradas em formações culturais ocidentalizadas, cujos os códigos epistêmicos, linguísticos, estéticos, sociais e econômicos têm por base a lógica binária do pensar, sentir e ser. Logo, a abordagem recortada nesta escrita admite que o ambiente de criação

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este artigo faz parte da pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, finalizada em 2019. A pesquisa se engajou em analisar produções *hollywoodianas* cinematográficas e identificar possibilidades de desmantelamento, desarranjo, projeções e reiterações do status quo nas representações identitárias.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e-mail: [pollyanebelo@gmail.com](mailto:pollyanebelo@gmail.com).

<sup>3</sup> Mombaça, J. *Veio o tempo em que por todos os lados as luzes desta época foram acendidas*. 2018. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/corpo/veio-o-tempo-em-que-por-todos-os-lados-as-luzes-desta-epoca-foram-acendidas>. Acesso em 20 de maio de 2019.

---

para essas figuras no agora é inseparável da gênese dos binarismos: o ideário moderno concebido pelos europeus e convencionalizado através da força e da violência nas terras colonizadas (QUIJANO, 2002; 2005; 2009). A masculinidade moderna/colonial apresentada nesta escrita é operacionalizada com o que ora chamamos de “real”, ora na dita “ficção”. Este método se mostrou proveitoso para explicitar como os códigos representacionais podem construir alegoricamente as ficções que delineiam o concreto e o concreto que alude à ficção, entretanto, os casos trazidos são passíveis de alimentação na mesma fonte: o poder colonial.

A primeira parte é dedicada a apresentação e uso analítico do termo “moderno/colonial” e como sua constituição está imbricada no poder necrófago. Para isso, expomos o atentado à Escola Estadual Professor Raul Brasil, em março de 2019 e a alinhavamos à eficácia colonizatória que conta a intersubjetividade masculina como superior à feminina, onde a primeira é justificada em seus atos de violência. Ileana Rodriguez (2016), Gloria Anzaldúa (2005) e Maria Lugones (2008) são as autoras que auxiliam a crítica para as reflexões do segmento.

A segunda seção é destinada a explorar os sentidos parabólicos de soberania que orbitam essa masculinidade através da ideologia de guerra encontrada no longa-metragem *Mad Max: A Estrada da Fúria* (*Mad Max: Fury Road*, George Miller, 2015). Como a soberania popular forjada em meio à igualdade entre as pessoas, torna-se uma falácia quando em um sistema moderno/colonial (LUGONES, 2008). Adiante, vemos que a “superioridade” masculina e a ilusão de soberania popular acabam por alicerçar a possível auto-intitulação do homem branco cisgênero e heterossexual como o aniquilador dos que não são próximos a sua ideologia de política excludente, aliando-se a outra definição de soberania e atualizando atos colonizatórios. Reflexões sobre os tipos de soberanias trazidos e a qualidade contígua que conecta os dois quando tratamos desses sujeitos são guiadas por Achille Mbembe (2018).

### **A masculinidade moderna/colonial**

Na manhã do dia 14 de março de 2019 os plantões jornalísticos cobriam a chacina de Suzano, no estado de São Paulo. O atentado à Escola Estadual Professor

Raul Brasil executado na hora do intervalo deixou onze feridos e cessou oito vidas<sup>4</sup>. Os dois jovens assassinos, ambos ex-alunos da escola, adentraram o espaço com uma artilharia<sup>5</sup> planejada para matança, que foi fotografada por celulares e exibida nas reportagens jornalísticas. Segundo o relatório oficial da Polícia Militar de São Paulo, após os assassinatos, o atirador mais jovem, ao perceber a aproximação de três policiais, matou o cúmplice e se suicidou logo em seguida. Dos ataques, apenas as partes menos violentas, editadas e congeladas antes da consolidação dos assassinatos foram publicizadas nos telejornais e circuito *online* aberto. A imagem pára quando o homem aponta a arma, o disparo e o corpo caindo é silenciado, mas as machadadas em corpos já no chão, borrados pela censura, são permitidas, a lâmina entrando na carne inerte não pode ser discernida.

Constatou-se o envolvimento dos atiradores em um fórum online extremista contendo apologia à violência contra mulheres, negros e nordestinos<sup>6</sup>, assim como a ajuda recebida no planejamento da chacina por outros usuários dentro do mesmo fórum. Os aparatos utilizados contra os corpos de determinados indivíduos - as armas, a programação, a ajuda disponibilizada de bom grado pelos participantes da página - sinalizam o calculismo na arquitetura da morte do outro e como ela é imaginada grupalmente.

O elemento que merece atenção nestes atos e performances de destruição humana é a dedicação de alguns indivíduos na autodenominação como acionadores da morte de determinados grupos identitários, e que aqui enxergamos como caudatária de

---

<sup>4</sup> As pessoas executadas durante o atentado foram: a coordenadora pedagógica, Marilena Ferreira Vieira Umezo; a inspetora, Eliana Regina de Oliveira Xavier; cinco estudantes, Caio Oliveira, Claiton Antônio Ribeiro, Douglas Murilo Celestino, Kaio Lucas da Costa Limeira e Samuel Melquiades Silva de Oliveira; e o tio de um dos atiradores, Jorge Antônio Moraes, morto em seu negócio minutos antes do ataque à escola.

<sup>5</sup> Explosivos caseiros (mal sucedidos em suas detonações), uma balestra (arma medieval de artilharia), um arco e flecha, facas, um machadinho, um revolver calibre 38, um carregador automático para a pistola e garrafas de coquetéis molotov.

<sup>6</sup> O *Dogolachan* é um fórum online brasileiro da *deep web* onde práticas de violação de direitos humanos, racismo e misoginia são abertamente incentivadas. O site prega a legalização do estupro, da pedofilia e do “estupro corretivo” para lésbicas, e projeta publicações com títulos como “Seja homem: mate uma mulher hoje”. Em 2011, usuários participantes da página enalteceram a ação de Wellington Menezes no atentado à Escola Estadual Tasso da Silveira, em Realengo, no Rio de Janeiro. Menezes matou 10 meninas e dois meninos, suicidando-se logo em seguida. Por meio de testemunhas e da própria perícia, foi identificado que o assassino atirava nas meninas para matar e nos meninos para lesionar. A predileção pela morte de mulheres foi celebrada no site, onde Wellington era tratado como herói. A prisão do criador do fórum, Marcello Valle Silveira Mello, ocorreu no dia 17 de março, após o massacre de Suzano. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/03/17/interna\\_cidadesdf.743470/quem-e-o-brasiliense-do-site-que-inspirou-ataque-em-suzano.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/03/17/interna_cidadesdf.743470/quem-e-o-brasiliense-do-site-que-inspirou-ataque-em-suzano.shtml). Acesso em 18 de março de 2019.

---

códigos coloniais que não cessaram de existir com o fim do colonialismo. Não é porque o período histórico entre o século XVI até o XIX de migração e implantação da política europeia de ocupação militarizada, religiosa e administrativa de terras não-europeias terminou, que as suas dominações simbólicas se extinguíram. A colonização continua vigorando e trata da visada operacional e ideológica das práticas de controle principiadas no colonialismo, perdurando até os dias atuais neoliberalistas, em caráter material e intersubjetivo. Como traduz Ailton Krenak, colonização é o ímpeto de colonizar que não termina, apenas se renova: “Nós costumamos debater a colonização numa perspectiva pós-colonial. A colonização é, é aqui e agora. Pensar que nós estamos discutindo práticas coloniais como alguma coisa pretérita, que já foi e agora nós só estamos limpando, é uma brincadeira” (2020, não paginado).

Na reavaliação da conjuntura colonial e do arcabouço simbólico europeu nas terras não-europeias pelos estudos decoloniais, identificou-se a admissão do maior poder social e econômico para o indivíduo que mais se encaixava na categoria “colono” em relação aos nativos das terras e as pessoas escravizadas, cujos trabalhos alimentavam exclusivamente a acumulação capital do primeiro. Sob a égide colonizatória europeia, quanto mais próximo à branquitude e ao gênero masculino, mais autonomia em sua existência. As ideias eurocêntricas consolidaram o potente delineamento das subjetividades e corpos: o existir foi lido e reestruturado por lentes modernas e coloniais, e as hastes divergentes das fôrmas impostas foram (e ainda são) dominadas e/ou ceifadas.

O conceito central responsável pelo apossamento e reordenamento da vida nas colônias está na chamada “razão humana”. Segregar pessoas em escalas de racionalidade se tornou a prerrogativa para classificar os colonizados de acordo com os propósitos de seus colonizadores, justificando explorações escravagistas, servidão indígena, estupros sistemáticos e genocídios. Através de binarismos redutores, como primitivo e civilizado, tradicional e moderno, racional e irracional, negro/índio e branco, homem e mulher, foram distribuídos tipos elevados de racionalidade, e por consequência, de humanidade, e os menos racionais, brancos e masculinos, tornaram-se também menos humanos (QUIJANO, 2009). A reverberação dessa hierarquização tácita aparece nitidamente nos dias atuais quando o homem branco, localizado em uma

---

sociedade que o pré-favorece com sua “humanidade inata”, acessa à perversidade e deflagra a morte, como no acontecimento narrado no início desta análise.

Para Lugones (2008), a violência masculina é um braço do projeto colonizador, cujo sucesso nas comunidades originárias das regiões dominadas operou profundas transformações sociais guiadas pelo ideário branco, masculino, cisgênero e monogâmico europeu. Segundo a socióloga argentina, as agressões contra as mulheres não-brancas são frutos da normalização da violência insidiosa dentro da separação categorial de raça, gênero, classe e sexualidade - narrativas trazidas pelo formato binário do sistema moderno/colonial de gênero. A autora dá este nome ao sistema em um esforço de delimitar a imposição e a reestruturação das cosmologias, epistemologias e vidas dos povos originários e escravizados pelas poderosas fantasias duais européias: o “gênero binário biologizado” (homem/mulher) associado à “raça” (brancos/não-brancos) e a consecutiva obrigatoriedade das relações heterossexuais e exclusivistas.

No íntimo dessas transformações, é oportuno aos homens não-brancos o acesso às ferramentas que acionam a violência de gênero incrustada no sistema moderno/colonial, pois a ideia de inferioridade de gênero e subserviência das mulheres habita o paradigma trazido nas máquinas colonizadoras, e mantidas como verdade nas relações generificadas homens/mulheres, equilibrando sua falta de poder em instâncias de raça e classe. Apesar de serem inferiorizados pelo capitalismo neoliberal e pelo Estado, dominado pelo patriarcado branco, o sujeito não-branco pode disputar seu poderio social ligando-se à estrutura binária de significação, e assumindo sua posição de homem (superior) *em comparação* à mulher (inferior), mesmo não ocupando por completo essa superioridade já que não vive no espectro da branquitude.

A disseminação do machismo na América Latina aponta a eficácia colonizatória do sistema moderno/colonial de gênero, o qual ultrapassa as culturas de predominância branca. Anzaldúa (2005), em suas considerações sobre o machismo dos homens chicanos, demarca a dinâmica da cadência de opressões que respondem à inadequação que a dominação masculina branca e anglicana engendrou:

O macho de hoje tem dúvidas sobre sua capacidade de alimentar e proteger sua família. Seu “machismo” é uma adaptação à opressão e à pobreza e à baixa auto-estima. É o resultado da dominação masculina hierárquica. Os anglos,

---

sentindo-se inadequados e inferiores e sem poder, deslocam ou transferem esses sentimentos para os chicanos, envergonhando-os. No mundo gringo, o chicano sofre de uma humildade e de uma autonegação excessivas, vergonha de si e autodepreciação. (...) A perda de um sentido de dignidade e respeito no macho gera um machismo falso que o leva a diminuir as mulheres e até a brutalizá-las. (p. 710)

A masculinidade moderna/colonial, então, configura-se como categoria intersubjetiva devido a sua capacidade de criar relações de poder no corpo social diverso. Aliás, ela é o estímulo que maneja “arriscar a totalidade de uma vida” (Mbembe, 2018, p. 13), gravada nas imagens dos assassinos de Suzano, um exemplo de decantação dessa intersubjetividade pulverizada na comunidade. O agradecimento de um dos homicidas/suicidas no fórum *online* pela ajuda concedida, nos faz questionar quais são outros locais, além do ato em si e da imaginação, que podem endossar essa força intersubjetiva de destruição material de corpos humanos.

Muito obrigado pelos conselhos e orientações, DPR. Esperamos do fundo dos nossos corações não cometer esse ato em vão. Todos nós e principalmente o recinto será citado e lembrado. Nascemos falhos, mas partiremos como heróis. O contato nós [sic] trouxe tudo dentro dos conformes. Ficamos espantados com a qualidade, **digna de filmes de Hollywood** [grifo meu]. Infelizmente não existe locais para testarmos e tudo acontecerá de forma natural, com a aprendizagem no momento do ato. Fique com Deus, meu mentor. O sinal será a musica [sic] no máximo 3 dias depois estaremos diante de Deus, com nossas 7 virgens. Levaremos a mensagem conosco.<sup>7</sup>

O quê os filmes de *hollywood* possuem de sublime para serem alocados como referência de qualidade no planejamento de uma chacina? Rodriguez (2016) nos ajuda com esta inquietação ao salientar as tensões implícitas na tessitura de narrativas ficcionais para enfatizar a violência sob uma perspectiva generificada, relacionando atos coercitivos, agressivos, cruéis e hostis ao poder tácito encontrado na constituição e no exercício da masculinidade. Ao analisar a história divulgada pela mídia da menina Rosa<sup>8</sup>, um caso de pedofilia, incesto e estupro em seu país de origem, a filósofa

---

<sup>7</sup> Disponível em:

<https://noticias.r7.com/sao-paulo/em-forum-extremista-atiradores-pediram-dicas-para-atacar-escola-13032019>.

Acesso em 18 de março de 2019.

<sup>8</sup> O nome original de Rosa foi ocultado pela divulgação midiática do caso, visando proteção contra possível assédio que a criança poderia sofrer.

---

nicaraguense o contrasta a narrativas de contos de fadas, mais especificamente à *Chapeuzinho Vermelho*, e comenta sua estratégia comparativa:

Reinterpretações de contos de fadas discutem questões modernas, reavaliam a conduta humana, criam novas histórias com sentimentos mais relevantes para a vida contemporânea - apesar de, ou precisamente porque os personagens representam figuras arquetípicas, enigmas a serem resolvidos em uma temporalidade do era uma vez e em uma espacialidade da terra do jamais-jamais.<sup>9</sup> (2016, p. 92, tradução nossa)

A ficção traz um distanciamento temporal e espacial para lidar com o horror, não obstante, ela compartilha fios arquetípicos com a masculinidade moderna/colonial do tempo presente. O ponto nodal dessa dinâmica intersubjetiva ficção/real é a sua cinesia. As representações alegóricas dessa masculinidade não são herméticas, são territórios, trocas e paisagens dos códigos coloniais, vide as argumentações trabalhadas por Lugones, Anzaldúa e Rodriguez sobre os homens não-brancos que a desempenham. Contudo, trazemos o arquétipo representacional do homem branco cisgênero e heterossexual que planeja e divulga a morte pois este materializa factualmente a falácia binária “razão/emoção”, posto que, este homem específico seria o mais racional (humano) de todos, segundo os escalonamentos coloniais. Apoiamo-nos na metodologia comparativa de Rodriguez, e convocamos, então, os arquétipos da construção ficcional, lançando fios entre a malha cinematográfica e o mundo atual.

### ***Quem matou o mundo?***

“Garotos de guerra kamicrazy Fukushima!”<sup>10</sup> é o grito de guerra do exército comandado por Immortan Joe, o tirano que governa o aglomerado miserável de pessoas em meio ao deserto, na obra pós-apocalíptica *Mad Max: A Estrada da Fúria*. A casta mais baixa da hierarquia das tropas do seu exército é formada por homens adultos

---

<sup>9</sup> *Reinterpretations of fairy tales discuss modern issues, reevaluate human conduct, create new stories with sentiments more relevant to contemporary life—even though or precisely because characters represent archetypal figures, riddles to be solved in a time once upon a time and in the space of a never-never land.*

<sup>10</sup> Tradução nossa. *Fukushima Kamicrazy Warboys!* Importante ressaltar a junção das palavras *kamikaze* e *crazy* para formar *kamicrazy*. *Kamikaze* (do japonês: *kami* significando "deus" e *kaze*, "vento", comumente traduzido como "vento divino") era a denominação dos pilotos de aviões japoneses repletos de explosivos cuja missão era realizar ataques suicidas contra navios, principalmente os porta-aviões dos Aliados, em especial os estadunidenses, no período final da campanha do Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial. *Crazy*, palavra da língua inglesa, significa *louco* ou *maluco*.

---

denominados garotos de guerra meia-vida<sup>11</sup>, nomeados assim em decorrência dos tumores nos seus corpos, causados pelo ambiente altamente tóxico à vida humana, lembretes latentes de uma morte iminente. O exército é insuflado pelo culto à guerra, propagado por Immortan Joe, que os utiliza como ferramenta para alcançar, dominar, submeter e reificar qualquer indivíduo detentor de alguma matéria-prima aproveitável debaixo de sua supremacia, como por exemplo, mulheres sendo mantidas em cativeiro e utilizadas para a reprodução filial do déspota. A fuga destas do regime de subjugação de Joe é o que motiva a trama: uma longa perseguição do exército particular para recuperar o “espólio” do autocrata.

Os garotos de guerra exibem dorsos nus pintados de branco<sup>12</sup>, com cicatrizes formando símbolos em seus tórax, cabeças raspadas e algumas peças metálicas cravadas ao corpo, dando a impressão de junção de partes cuja separação não deveria existir. Carregam lanças, armas, explosivos, e nas nuças, uma cicatriz eleva-se com o desenho de um crânio no interior de um círculo em chamas, a marca de posse dos corpos sob o poderio de Immortan Joe, a iconografia da masculinidade moderno/colonial daquele universo diegético.

A morte não é evitada por eles, celebram-a quando esta se dá durante uma ação ousada no decorrer da batalha. O dispêndio absoluto da vida em combate é o fim glorioso da meia-vida, a vida que é justaposta pela imanência da morte no momento de seu surgimento. No ato da concretização absoluta da ruína à favor da maquinaria bélica, o garoto de guerra realiza a cerimônia: tinge a boca com *spray* de coloração prata e grita para os companheiros “Me testemunhem!”<sup>13</sup>, e com sorte, leva consigo o máximo de inimigos possíveis. A expectativa da morte não vem só, justifica-se os sacrifícios com a promessa da pós-meia-vida, uma vida plena e espiritual dentro dos portões de *Valhalla*

---

<sup>11</sup> Tradução nossa. *Half lives warboys*.

<sup>12</sup> A pintura branca flerta com a fantasmagoria da meia-vida. A brancura confessa a morte alojada naquele corpo. Mas ainda assim, não podemos negar a presença do branco tomar todo o corpo dessas máquinas de morte. Na tela filmica, é possível identificar em meio à maquiagem, as racializações dos garotos de guerra, tendo atores brancos em esmagadora maioria. Quem tem o desejo de matar por meio da guerra, expõe uma dupla brancura em seus trejeitos.

<sup>13</sup> Tradução nossa. *Witness me!*

---

(referência ao paraíso da cultura pagã nórdica<sup>14</sup>), e a partilha de um *McBanquete*<sup>15</sup> com os outros heróis de guerra. Dentro do regime de poder do mundo pós-apocalíptico de *Mad Max*, a morte já habita o corpo como metástase e como fé.

Do contemporâneo concreto, olhamos para o futuro pós-apocalíptico ficcional e identificamos no funcionamento desse exército algo que habita as imagens do agora: a convicção destruidora de si e do outro. O relato do atentado à Escola Estadual Professor Raul Brasil, e a narrativa em torno da ideologia de guerra do exército de Immortan Joe, concedem vislumbres sobre a precarização da visão das teorias normativas sobre o bem estar da democracia estar seguro quando empoleirado na razão moderna, fato sentido e ilustrado nos últimos tempos da história brasileira<sup>16</sup>. A um primeiro olhar, valendo-se das teorias democráticas, a convicção de destruição de si e do outro pela masculinidade moderna/colonial não seria pertinente para uma sociedade “civilizada” e “harmônica”, onde o projeto de “razão”, “liberdade” e “igualdade” (conceitos modernos) seriam acessados por *todo e qualquer um*.

Está nítido nos excessos da supremacia de Immortan Joe que o que acontece em seu deserto não é uma democracia e o que acontece no “real” desarranja a concepção de que os ideais modernos construídos pelos aparatos coloniais binários são a resposta para uma política equânime. A crença da aniquilação e seus atos destrutivos na ficção e no real, defrontam-se com a ideia moderna de soberania popular, cujo resgate por Mbembe (2018) é feito sob uma perspectiva crítica, apresentando esta soberania como

a produção de normas gerais por um corpo (povo) composto por homens e mulheres livres e iguais. Esses homens e mulheres são considerados sujeitos completos, capazes de autoconhecimento, autoconsciência e autorrepresentação.

---

<sup>14</sup> Na mitologia nórdica, Valhala (do nórdico antigo *Valhöll* "Salão dos Mortos") é um imponente e imenso salão com 540 portas e o teto coberto de escudos de ouro. Em Valhala, encontram-se às hordas daqueles que morreram em combate que vivem ali eternamente, com comida e bebida suficientes para todos.

<sup>15</sup> Tradução nossa. O termo exato encontrado no roteiro original do filme é “McFeasting with all the heroes of all times”, cuja tradução oficial das legendas em português interpretam como, “Um McBanquete com os Heróis”. O “Mc” precedendo a palavra “banquete” alude aos lanches comercializados pela rede global de *fast-food McDonalds*.

<sup>16</sup> O governante máximo do Brasil fez declarações e tem tomado até o momento diversas medidas que vão radicalmente contra a ideia de bem-estar do povo. Suas políticas negligentes de saúde, segurança e educação possuem táticas genocidas de curto, médio e longo prazo. Sua incapacidade de governar e o ataque compulsivo à população pobre, não-branca, LGBTQI e todas as pessoas que ocupam um lugar de vulnerabilidade dentro de um regime “democrático” rende diariamente críticas por seu comportamento extremista, manifestações e denúncias contra o chefe de Estado por crimes contra a humanidade feita por associações democráticas. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/juristas-denunciam-bolsonaro-no-tribunal-penal-internacional-por-crime-contra-a-humanidade/>. Acesso em 19/06/2020.

---

A política, portanto, é definida duplamente: um projeto de autonomia e a realização de acordo em uma coletividade mediante comunicação e reconhecimento. É isso, dizem-nos, que a diferencia da guerra. (...) é com base em uma distinção entre razão e desrazão (paixão, fantasia) que a crítica contemporânea foi capaz de articular uma certa ideia de política, comunidade, sujeito. (p. 9)

Tendo isto em mente, encaramos a soberania popular fundamentada nas distinções entre razão e emoção como um aparato basilar para o conceito de modernidade, e por conseguinte, o modelo de democracia, contudo, já sabemos que este modelo é falho e excludente desde sua raiz. O paradigma da soberania popular e do governo de si, cuja ideia tem um agente moral delineado no exercício da razão, desmantela-se perante as imagens distantes e ficcionais de *Mad Max*, mimetizadas em imagens locais reais. Os fragmentos extraídos da ficção onde “garotos de guerra” se dispõem a aniquilar tudo que se ponha no caminho e a crença no pós-vida com a promessa do deleite eterno, um “McBanquete” à espera, ou sete virgens (em Suzano), assessora uma tensão no paradigma da “soberania popular acessada por todos”, onde “a razão é a verdade do sujeito, e a política é o exercício da razão na esfera pública” (Mbembe, 2018, p.10). Nos cenários apresentados, o ponto nevrálgico da falácia da democracia é pressionado pela representação da masculinidade moderno/colonial, evidenciando os fios entre o real e o fictício: há *certos* indivíduos que são *mais* senhores de si do que outros, e administram para além do seu próprio limite, cerceando até onde a vida alheia pode se estender.

Este fator concede outros ares ao sentido de soberania trazido até aqui. O arcabouço ideológico colonial que permeia a sociedade ocidentalizada contemporânea concede mais ferramentas simbólicas de auto-intitulação para aqueles que se adequam materialmente com mais conforto na força intersubjetiva da masculinidade moderna/colonial. Portanto, a busca pela autonomia e o exercício da soberania dentro do que vimos é exclusivista quando pensados em um contexto com desigualdades pré-existentes - iniquidades raciais e de gêneros forjadas pelo próprio aparato colonial. Isso significa que a ideia de soberania popular da modernidade nunca existiu como sua definição pressupõe e sua fabulação confere mecanismos poderosos para os sujeitos com mais poder concedido pelo seu *locus* social (homens brancos cisgêneros e heterossexuais) obterem mais agência sobre a ideia de soberania, podendo convertê-la

---

em graus de poder que os intitulam como donos dos destinos dos mais vulnerabilizados dentro da trama colonial.

Rodriguez (2016), em seu estudo de casos de assassinatos associados à violência sexual perpetrados por homens contra mulheres e crianças, comenta a ação sobre o desejo masculino perverso que remete ao ponto de auto-intitulação que esta soberania reformada carrega. Segundo a autora, "ser masculino significa ser capaz de colocar em prática um imaginário de poder sobre a estrutura do desejo. Ambos vêm acompanhados de impunidade; ser masculino é ser capaz de satisfazer o desejo em qualquer lugar com qualquer pessoa, a qualquer custo"<sup>17</sup> (p. 41 e 42). Mesmo não matando materialmente algumas de suas vítimas, os abusos perpetrados por homens anulam simbolicamente o desejo das mesmas, suas negações são invalidadas perante os impulsos privilegiados masculinos.

Trazemos esta passagem pois há certa continuidade de sentido quando consideramos a auto-intitulação de direitos (a maior agência de alguns indivíduos dentro do regime colonial) e o que é *ser homem* de Rodriguez. Continuidade que perpassa o texto midiático recortado, afinal quem conjura a morte nas imagens de *Mad Max* e em Suzano? A brutalidade e a violência nesta mirada se alia à auto-intitulação encontrada na soberania, agora distanciada de sua fábula popular e democrática e aproximada do excesso de poder em corpos masculinos brancos cisgenerificados.

Os corpos belicamente paramentados dos homens brancos atuam como maquinaria do perecimento do outro, e a justificativa do suicídio é que este é apenas temporário, pois a auto-intitulação de sua soberania é *transcendental*. O corpo perece, contudo, morre como herói ao matar o abjeto, seu espírito caminhará ao lado dos outros homens ilustres, e os recursos sexuais e alimentares nunca se tornarão escassos. Mbembe demarca a justificativa para este caráter soberano ao pensar as transgressões de tabus quando comenta a fusão completa entre a guerra e as ideologias do ódio<sup>18</sup>:

A percepção da existência do Outro como um atentado contra minha vida, como ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria

---

<sup>17</sup> Tradução nossa. (...) *to be masculine means to be capable of putting into practice an imaginary of power over the structure of desire. Both come coupled with impunity; to be masculine is to be capable of fulfilling desire anyplace with anybody, at any cost.*

<sup>18</sup> O racismo, a homofobia, a lesbofobia, a transfobia, o machismo, o capacitismo, o etarismo, a xenofobia, o classismo e todas as ideologias que salientam e impulsionam a exclusão e morte.

---

meu potencial de vida e segurança, é este, penso eu, um dos muitos imaginários de soberania, característico tanto da primeira quanto da última modernidade. (2018, p. 19 e 20)

Em certo momento da trama de *Mad Max* uma pergunta é atirada ao espectador. A questão aparece rapidamente em um plano panorama que acompanha Immortan Joe quando este desconfia que as mulheres mantidas em regime de escravização sexual fugiram, e apressa-se para checar a presença das mesmas no cofre onde as mantém enclausuradas. O movimento de câmera deixa o personagem no centro do cárcere e da tela, fazendo um círculo ágil de 360° ao redor de Immortan Joe, denotando a presença de algo novo e evidenciando a pergunta atrás do personagem, pintada acima da única entrada e saída da prisão: *quem matou o mundo?*<sup>19</sup>. A pergunta vista rapidamente com Immortan Joe em primeiro plano, traz a ausência de uma resposta verbal e imediata dentro da narrativa, acionando a culpa sem dono da instrumentalização da destruição máxima encontrada em um mundo de areia e pó, sem humanidade. A disposição vertiginosa da pergunta em cena, ao mesmo tempo flerta com o retoricismo e com uma resposta estética. Na imagem há o corpo de Immortan Joe, agitado, procurando suas posses, e logo abaixo da indagação, dentro da cena, ele se posiciona. O episódio encapsula de forma alegórica e estética o que tentamos demarcar sumariamente com a escrita da masculinidade moderna/colonial e seus regimes intersubjetivos de poder.

### **Apontamentos finais**

Dos casos apresentados, encontramos a concepção da auto-intitulação e direito ao protagonismo do homem branco a mercadorias, a pessoas-mercadorias e a atualização das forças coloniais através das ferramentas de finitude material e subjetiva dos corpos, acionada pela violência “gloriosa”, *digna dos filmes de hollywood*. Germina das imagens enevoadas das câmeras de circuito interno da Escola Estadual, a concretização do extermínio “cinematográfico” e o rebatismo colonial de quem é passível de morte e quem pode ativá-la.

As cenas fictícias e reais trazidas que contam e salientam a morte dos outros por essa força intersubjetiva são criadas a partir de uma dinâmica estética, ética e política.

---

<sup>19</sup> Tradução nossa. *Who killed the world?*

---

Este estímulo necrófago atua no interior das relações de poder e, conseqüentemente, das representações, visto que, as culturas ocidentalizadas foram engendradas dentro da dinâmica binária de inclusão/exclusão. Por isso, tentamos repensar a violência através da imagem e da narrativa, a primeira não estando isolada no indivíduo concreto, mas imbricada na linguagem, nas práticas e nas representações. Debruçar-se sobre as imagens das masculinidades moderna/coloniais é encarar a sua perversidade, que habita tanto a cinematografia estadunidense, como o interior de São Paulo. A ficção cinematográfica é uma potência do real, e o real *pode ou não* atualizar esta ficção. O esforço foi mapear as linhas cruzadas entre a ficção do *blockbuster* e os atos midiáticos do real que tratam da dinâmica pela fixidez dessa masculinidade moderna/colonial no presente.

Pertinente à proposta deste artigo é necessário o estabelecimento de três justaposições, as quais sustentam essa fixidez: a) a auto-intitulação do direito à ação através de uma soberania popular forjada para e por determinado indivíduo no contexto colonial; b) a capacidade de efetivação e até apoio coletivo do desejo perverso impulsionado pelo sujeito, subsequente desta auto-intitulação; c) a qualidade de ser soberano implicando na violação do que deveria ser inviolável, instituindo uma soberania transcendental. A tríade cria a instância palpável da masculinidade moderna/colonial: o limite da matabilidade é abandonado. Em outros termos, a morte de uns justifica a vida de outros, o homem moderno/colonial habita uma zona onde a destruição material está sempre na iminência de se manifestar. O tabu da morte não foi inteiramente abandonado, ele ainda pesa, apesar disso, o indivíduo se fomenta exatamente sob o corte da proibição.

A hegemonia cisgenerificada *masculina*, racializada *branca*, heterossexualizada e monogâmica luta pela estabilização de seus preceitos para tornar os olhares, sentidos, afetos, e vidas, homogêneos dentro de sua lógica. Todavia, devo frisar que o paradigma da masculinidade moderna/colonial é passível de disputa mesmo ele lutando pela fixidez de suas verdades. Ele não é ativo e preponderante de maneira unânime no coração de *todos* os homens, contudo, ele é uma presença intersubjetiva, um produto ao alcance, e pode ser adaptado e emulado tanto por homens brancos cisgêneros e heterossexuais como por indivíduos postos à margem.

---

## Referências bibliográficas

ANZALDÚA, G. **La conciencia de la mestiza /Rumo a uma nova consciência**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 13, n. 3: 704-719, set.-dez./2005.

KRENAK, A. (2020). **Do Tempo**. Disponível em: <<https://www.n-1edicoes.org/textos/>>. Acesso: 02/12/2020.

LUGONES. M. (2008). **Colonialidad y género**. Tabula Rasa . Bogotá, nº9. Pg: 73-101

MBEMBE, A. (2018). **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: N-1 Edições.

QUIJANO, A. (2005). **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Edgardo Lander** (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais - CLACSO.

\_\_\_\_\_. (2009). **Colonialidade do Poder e Classificação Social**. In: Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses (orgs.). Epistemologias do Sul. Coimbra: Edições Almedina. SA.

\_\_\_\_\_. (2002). **Colonialidade, poder, globalização e democracia**. Novos Rumos. São Paulo, v. n. 37 p. 4-28.

RODRIGUEZ, I. **Gender Violence in Failed Democratic States: Besieging Perverse Masculinities**. New York: Palgrave Macmillan, 2016